

Edenilce Hortencia Jorge Elliott



A Caetanista Edenilce Hortencia Jorge Elliott, Supervisora de Ensino da Rede Estadual Paulista, afrodescendente, passou entre os anos 1960 e 1971 do Jardim da Infância até a formatura no Colegial. Na entrevista concedida para o NUMAH em 01/09/2017, para o programa Memória Oral, Edenilce destaca a importância de sua Família na vida escolar e na integridade humana, inclusive para superar os preconceitos. Ela reconhece que Professores marcaram suas decisões, pois indicavam o seu potencial. Edel, como passou a ser chamada na Escola pelas amigas que estão presentes em sua vida após o período escolar, narra momentos em aulas e do cotidiano escolar que demonstram dignidade e integridade.

Cinco clipes foram produzidos (Escola Pública e Família; Escola: O Auditório da Vida; Professores que fizeram diferença; Escola: Forma e Reforma; Família, Escola e Resistência), e o acesso a eles está no link <http://www.escoladeformacao.sp.gov.br/portais/Default.aspx?tabid=9008> .

No texto abaixo salientamos a temática do preconceito racial abordado por Edenilce. As fotografias, apresentadas abaixo, são do Acervo Particular de Edenilce.













Eu sou Ednilce Hortencia da Gloria Jorge. Meu nome de casada é Ednilce Hortencia Jorge Elliott. Mas, eu sou conhecida como Edel, porque esse... esse apelido, digamos assim, ele veio de dentro da Caetano de Campos. Foi uma colega, chamada Sonia Maria Maia, que... por conta de uma Professora de Português muito boa, a Ana Maria, ela não conseguia falar meu nome. Ela falava Edelnice, Edélnice. Eu falava com muita educação, né, falando com Professora, "olha, o meu nome é Ednilce." E, pra dar um basta nessa pequena contenda, a minha colega falou assim "olha, vamos fazer o seguinte: a partir de hoje você é Edel". E ficou! Então, todas as pessoas me conhecem como Edel. Então, isso eu devo ao Instituto de Educação Caetano de Campos.

A minha família investiu muito na nossa educação, porque sempre acreditaram que era por isso que nós poderíamos nos emancipar.

A escola pública foi muito importante para nós, para nossa família.

E era, como eu disse, a minha mãe, se num período a gente ia a escola, , no outro período, quando voltávamos da escola, almoçávamos ou tomávamos lanche, alguma coisa assim e, dependendo do período que estudávamos, começava a escola da Dona Elza. Ela não deixava. Então, fazia-se lição. E nós brincávamos, mas depois de ter feita essa tarefa. Então, a gente chamava de escolinha da Dona Elza, que é a minha Mãe.

E o meu Pai, o Osvaldo da Gloria Jorge, foi o nosso apoio. Meu Pai, ele era eletricitista. Ele estudou no SENAI, e foi trabalhar na Companhia Municipal de Transportes Coletivos, CMTC. Ele não era motorista de ônibus, ele trabalhava na parte de manutenção dos ônibus elétricos. Ele trabalhou trinta anos no mesmo lugar. Ele era chefe de uma seção, né, da seção elétrica.

Sendo uma aluna negra, eu penso que o que mais fortaleceu foi a criação que nós tivemos em casa. Que deixava claro que essas coisas existiam e nos ensinava ter a resistência necessária com relação a qualquer manifestação que nos impedisse de estudar ou de participar de grupo. O fato também de nós sermos pessoas que tinham um compromisso com a escola, talvez isso, tenha atraído os colegas a nos aceitarem no grupo. Mas, não posso dizer que era uma escola que não tivesse algumas questões de exclusão. Mas, essa segurança nós trouxemos de casa.

Nós somos de uma família negra. E a construção que nós tivemos em casa, que foi muito sólida, com nossos pais, minha tia-avó, a tia Deolinda, meu tio-avô, o tio Rafael, eram pessoas que fortaleciam, né, sem contar os tantos de primos e tios que davam uma sustentação para que nossa personalidade e forma de entender o mundo não fosse tão cruel por uma condição racial. Então nós fomos construídos, assim, no sentido de entender que isso existia, de saber lidar com isso, ter resistência, mas que o nosso objetivo era estudar.